



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

RIO DE JANEIRO, 31 DE DEZEMBRO DE 1960.

PRONUNCIADO AO ENSEJO DO ANO NOVO,
FAZENDO UMA SÍNTESE DAS POSIÇÕES ADO-
TADAS FELO BRASIL NO CAMPO NACIONAL,
CONTINENTAL E INTERNACIONAL.

1456 Neste momento em que penetramos num Novo
Ano, aqui venho, como de hábito, dirigir uma mensa-
gem de esperança, e, mais do que isto, de congratula-

ções, ao povo brasileiro e discorrer sôbre alguns problemas fundamentais da nossa Pátria.

Esta é a hora de contemplar o caminho percorrido, de olhar para o dia de ontem, de examinar os acontecimentos e verificar se o esforço despendido trouxe um rendimento efetivo para o país. Tem para mim particular importância falar hoje aos brasileiros; êste é o último discurso que, na qualidade de Presidente da República, pronuncio nesta data. Dentro de alguns dias, os meus cinco anos de mandato estarão cumpridos. Desfrutarei, então, a mais alta honra de minha vida, a mais ampla vitória de minha carreira de homem público, no momento em que passar a faixa presidencial ao meu eminente sucessor, legitimamente eleito.

1457

A luta contra o subdesenvolvimento teve como um dos seus alvos a consolidação de nosso regime democrático. Não seria possível travar-se uma batalha séria contra o atraso e a estagnação num país em que a ordem pudesse ser alterada de um momento para outro, num país sujeito constantemente à instabilidade e reviravoltas de conseqüências revolucionárias. Demos graças a Deus pelas qualidades cívicas do povo brasileiro e, em particular, de nossas Fôrças Armadas, conscientes do mal que representa para uma nação o não se manterem dentro da ordem aquêles que foram convocados exatamente para êsse fim. A nenhum povo sujeito a crises periódicas, atentatórias do regime e da segurança, é dado bater-se eficazmente contra o atraso e a estagnação. Compreende-se, pois, que eu me sinta tranqüilo ao verificar que no Brasil foram superadas as dificuldades para a sua estabilidade política, sem violação da lei, sem emprêgo da fôrça, e mantida inalterável a liberdade do pensamento e de ação de todos os cidadãos.

1458

Vejo agora, quase ao passar o comando a outras mãos, que agi de acôrdo com os interêsses nacionais

1459

quando não dei importância a provocações e segui sempre avante, como alguém que, conduzindo um precioso bem, quer chegar a seu pôrto de destino conservando incólumes os que lhe confiaram a direção da viagem e mereciam a gratidão, o sacrificio da auto-disciplina e da moderação, mesmo sobrando razões para impaciência e justa indignação do comando. São outros os tempos, bem diferentes daqueles que tivemos no início do meu Governo. Baniu-se de todos os espíritos a idéia da ilegalidade. Ninguém ousa mais atentar contra a estabilidade institucional do país. E esse estado de espírito, hoje dominante, só foi alcançado graças a um método que exigiu esforço e contenção, a uma deliberada devoção à paz, a uma tolerância permanente e um contínuo esquecimento de agravos. Para que as instituições democráticas funcionassem; para que se dissolvessem nos espíritos hábitos incompatíveis com os nossos foros de nação civilizada, capaz de dominar os seus impulsos destruidores, apaguei da memória, durante êstes cinco anos, os agravos recebidos; não respondi ao mal senão invariavelmente com o bem; não persegui a ninguém, não fechei minha porta a quem quer que fôsse; não apliquei aos meus adversários as armas que êles próprios inventaram, admitiram e aplicaram contra mim.

1460 Verificamos hoje que se dissiparam as pesadas nuvens que anunciavam tempestades político-revolucionárias em nosso país. As forças oposicionistas puderam propor, ao julgamento eleitoral, os seus candidatos sem que se coibissem direitos na disputa ao poder. É tão completa a vitória nesse plano político, tão pacífica e demonstração de que estou dizendo, que me permite, sem medo de contestação por parte dos mais ferozes julgadores dos meus atos e do meu Governo, afirmar que também em matéria de meta democrática o Brasil avançou cinqüenta anos em cinco. Não vi-

vemos ainda um período de equilíbrio total; o apuro na escolha de elementos representativos deverá ir melhorando insensivelmente, mas está fora de dúvida que a mira-estrutura do regime de liberdade de que nos beneficiamos está consolidada. Já não somos uma aparência democrática, mas uma democracia em pleno desenvolvimento.

Nestes cinco anos deu êste país, no que toca ao desenvolvimento material, passos decisivos. Lutamos para nos desprendermos do atraso, da estagnação, do subdesenvolvimento. vencemos diversas dificuldades que até então pareciam insuperáveis. Enfrentamos um inimigo ferrenho, que, inconformado, ainda envenena a opinião pública e prossegue na sua ação de destruir e negar, de ocultar a verdade de qualquer maneira. Êsse inimigo é o hábito de pensar mesquinhamente em relação ao nosso país. Reservo-me ainda, antes de sair do Govêrno, uma oportunidade para dar o balanço de todas as realizações da minha administração. Quero agora apenas reafirmar aos meus patricios que estamos longe de ser o país perdido que os profetas do passado — pessimistas inventíveis — anunciam. Sem jactância, mas sem mêdo de errar, repito que não me arrependo de um só ato do meu Govêrno no esforço de criar um país novo e maior. As estradas aí estão, listrando as terras e as florestas. A nova capital, que tantas controvérsias suscitou e tanta glória proporcionou à nação, aí está. Os passos decisivos, e êsses sim, revolucionários, para o nosso crescimento, são irreversíveis. Os impostos produzidos pelo aumento do meio circulante já se absorvem no crescimento espetacular da produção e na circulação da riqueza. Certos teóricos insistem em negar que isto possa acontecer. Somos apenas forçados a lamentar o trabalho suplementar que terão êles em explicar aquilo que classificaram de loucuras, mas que ocasio-

1461

nou o nosso avanço. Loucura teria sido continuarmos parados, sem enrentar de qualquer maneira — digo bem claramente — *de qualquer maneira* — os problemas fundamentais de nosso atraso. Aumentaram-se os meios de pagamento, embora num índice de utilização não superior ao do quinquênio precedente. Mas pergunto se o Brasil de hoje, bem maior do que o de cinco anos atrás, poderia viver com os escassos recursos monetários que encontrei. Outros governos poderão empreender a revalorização da moeda, com os aplausos e o apoio de tóda a Nação, mas não poderiam fazê-lo, de forma alguma, se encontrassem o país atado a uma situação colonial, sem estradas, sem energia, sem obras de base. Os partidários da miséria que se dêem por desesperançados; entre convulsões e tropeços, o país cresceu. Os efeitos inflacionários, tão escandalosamente proclamados, — e para aquêles críticos tudo o que rompe a estática é inflacionário — resultaram também de um crescimento de produção, num aumento acentuado do potencial criador. Os sacrifícios exigidos foram poucos e pequenos, se comparados com os de outras nações que transformaram as suas populações em máquinas de trabalho, sem prerrogativa ou o direito de, até mesmo, opinarem sôbre a sua própria condição humana. O desenvolvimento brasileiro não exigiu nada disso. Começou por melhorar inicialmente os níveis dos trabalhadores e por assegurar-lhes maior participação política. Não fecho os olhos à realidade: conheço e reconheço que é um trabalho imenso o que desafia os nossos administradores e homens públicos. Sei que o pauperismo continua a afligir-nos, a danificar-nos. Sei que não foram extintas as fontes do sofrimento e da miséria; mas, ao mesmo tempo que me dou conta disso, dou-me conta também de que já não aceitamos um destino negativo. Se é verdade que certos brasileiros procuram defender ainda um ritmo meramente vege-

tativo para o progresso nacional, também existe um outro Brasil inconformado, combativo, pioneiro, inimigo do atraso, envergonhado com a posição secundária em que vivia. Este Brasil entende o que estou dizendo e despreza as lições dos homens superados que nada propõem, que não apresentam soluções — naturezas puramente críticas que são. No dia de amanhã, um julgamento, não só mais generoso, mas bem mais realista, dirá se agimos bem ou mal. Dirá se teria sido melhor que houvéssimos escondido na terra as moedas que nos foram entregues para criar riqueza ou que, por falsa prudência, incapacidade e temor, as deixássemos irreprodutivas, não utilizando o seu poder e a sua capacidade de gerar.

As acusações de inflação mortífera esbarram numa realidade indiscutível — a valorização de nosso patrimônio. Não se me oferece, agora, o ensejo de apresentar números; este discurso não comporta detalhes de ordem técnicas. Mas não há negar que ao aumento do meio circulante correspondeu, no meu período de Governo, a criação de bens entregues à população numa escala de valor que vem constituindo um lastro sem precedentes na evolução econômica do país. Só a produção da indústria automobilística, posta a serviço da criação, circulação e distribuição de todas as riquezas nacionais, atingiu a avaliação de um bilhão de dólares, ou seja, à taxa média de câmbio, cerca de duzentos bilhões de cruzeiros. Trata-se, pois, de uma inflação “sui-generis”, a nossa. Lembro-me de que as críticas que se faziam no passado a cada emissão giravam todas elas em torno do fato de não haver produção correspondente. Emite-se, e não se produz mais. dizia-se outrora. É preciso que alguém seja impavidamente negativista para ter a coragem de negar um aumento real do produto e da renda nacional em indícios até mesmo extraordinários. Mas os impávi-

1462

dos negativistas, os falsificadores da verdade envolvem o país numa série de conjunturas sombrias, de perspectivas de abismo que não correspondem à realidade. Seria impossível negar as dificuldades e os tropeços; muitos dêles, entretanto, denunciavam um aumento de fôrça, de plenitude, de pujança.

1463 A verdade, brasileiros, é que somos um país que caminha sòzinho. Um país que não se deixa ficar no atraso e marcha avante, corajosamente, ajudado ou desajudado, em direção a um destino de grandeza.

1464 Desejaria examinar agora alguns aspectos de nossa política exterior. Devido aos imperativos da atual conjuntura mundial e a certos fatores operantes no mundo moderno, que aproximaram os continentes e uniram as regiões mais opostas do globo, o Brasil teve de reformular e aprofundar os objetivos de sua política internacional. Não poderíamos, na verdade, ter permanecido observando apenas o que se passa no mundo ou limitando-nos a seguir passivamente as rotas nem sempre seguras e certas, traçadas por mão alheia, no cenário mundial. Nosso crescimento, nossa maturidade, as exigências de nosso desenvolvimento e de nossa segurança nos impunham intervir de maneira mais direta e objetiva, do que fizéramos até então, no plano mundial. A conduta prudente, sensata e tantas vêzes fecunda com que se conduziu, em outros períodos, o nosso Itamarati, era urgente acrescentar um novo dinamismo, uma atenção mais realista, capaz de encontrar soluções para problemas que só passaram a existir, nos dias presentes, para a nação brasileira.

1465 Uma tese central, positiva e nítida, foi defendida incansavelmente pela política exterior do Brasil nos últimos cinco anos: a necessidade de se valorizar devidamente a América Latina. A circunstância de ser-

mos integrantes da Causa Ocidental e os imperativos da luta pela preservação da liberdade no mundo obrigam-me a avaliar, com absoluta franqueza, as repercussões de nosso esforço no campo internacional.

Devo dizer que, não obstante a insistente campanha de persuasão encetada pelo Brasil, e outras nações da nossa comunidade, os grandes países do Ocidente, não levando em conta a dramática evidência dos fatos, continuam a dar uma prioridade secundária e uma atenção insignificante aos problemas, cada vez mais graves, da América Latina. Nossas repetidas advertências, nossa pregação incessante em favor de uma efetiva união em face do perigo comum resultaram, fôrça é dizer, quase despercebidas, não chegando a merecer uma resposta satisfatória e válida. Os nossos tradicionais aliados e amigos do Norte do Continente, depois que a História lhes confiou a tremenda responsabilidade da liderança democrática, arrefeceram sensivelmente seu interêsse pelo resto dêste Hemisfério, dedicando tão sòmente uma atenção rotineira aos menos afortunados membros da comunidade regional. Face ao ostensivo agravamento das condições econômicas e sociais da América Latina, a política norte-americana se caracterizou, até aqui, por uma preocupação de esquivar-se a compromissos substanciais e a não enfrentar as causas profundas de intranqüilidade latino-americana.

1466

Certo é que não temos o direito de nos queixar dos Estados Unidos como uma nação em face de outra nação. Mas temos o dever de, amigos e aliados, examinar a atuação da grande República do Norte na medida em que ela exerce a liderança de uma causa mundial de que somos solidários. Nesse sentido, temos fortes razões para estranhar a sua desatenção e as demonstrações repetidas de incompreensão de sua parte às justas reivindicações do resto do Continente, na

1467

luta que se está travando através do mundo. Não tenho procuração para falar em nome dos demais países do nosso Hemisfério; cada um dêles sabe o que lhe importa dizer. Posso, porém, em benefício de própria causa da Democracia, afirmar que é incompreensível que os únicos aliados naturais (duzentos milhões de latino-americanos) com que conta o Ocidente sejam vistos com indiferença pelas nações altamente desenvolvidas, e relegados a uma retaguarda incaracterística, onde não desejamos nem devemos permanecer.

1468 Considero erro dos mais fatais ao esforço conjunto de preservação do mundo democrático, a maneira pela qual os países responsáveis pela condução da comunidade ocidental têm tratado a América Latina. Justas, sem dúvida, são as preocupações do Ocidente com a África que desperta, buscando integrar-se na civilização moderna. Cabe mesmo ao Brasil executar uma política dinâmica em relação aos povos africanos. Mas daí a admitir que o interesse pela África deve merecer prioridade superior à atribuída à América Latina, vai um erro funesto, de conseqüências que podem ser extremamente danosas, e, até mesmo, fatais à constelação de valores que incumbe ao Ocidente salvaguardar.

1469 Fugiria a uma obrigação de lealdade se calasse minha apreensão sobre o futuro, caso não mudemos de rumo, caso deixemos agravar ainda mais a situação do continente americano. Considero prova de indiferença à segurança coletiva não se tentar com urgência a aplicação de um programa conjunto de desenvolvimento deste Hemisfério. Outra não foi a finalidade que perseguimos, ao lançar a Operação Pan-Americana, que constituiu o primeiro ato de uma necessária unificação de todos os componentes americanos da causa ocidental.

Sem um esforço econômico conjugado, planejado com descortino político, não será possível impedir que se alastrem pelo Continente as perturbações da guerra-fria, que, infelizmente, já está exercendo sua ação maléfica em certas áreas dêste Hemisfério. Não se concebe que não se consiga articular uma ação coletiva continental, capaz de atacar a fundo as causas do subdesenvolvimento latino-americano. É urgente que os responsáveis pela liderança ocidental compreendam que a América Latina está diante de um dilema: ou se industrializa ou renuncia à sua sobrevivência dentro da democracia; ou resolve os problemas básicos de seu desenvolvimento ou se tornará um campo aberto às incursões revolucionárias mais violentas.

1470

Seria atentar contra a razão e a evidência dos fatos julgar que, ao assim falar, estamos jogando temerariamente com palavras graves. A verdade é que nos baseamos, com relação ao Brasil, em realidades indiscutíveis e inquietantes. Nossa emancipação econômica, o fortalecimento de um país como o nosso, de um crescimento demográfico extraordinário e de proporções geográficas continentais, não pode ser indiferente ao mundo ocidental. Em relação à América Latina, não hesito também em dizer que o seu desenvolvimento — a superação das suas atuais condições de subdesenvolvimento — é de interesse vital para o destino dos ideais democráticos. Cada dia me convenço mais de que a luta decisiva e final pelo domínio do mundo se travará neste Continente. Estamos nós, latino-americanos, numa fase em que, ou firmamos definitivamente na prosperidade econômica os postulados de nossa cultura política, o amor à liderança e o respeito à iniciativa privada, ou ninguém deterá a onda de desesperança de milhões de seres humanos, que já não aceitam mais as condições ínfimas de vida em que vegetam, pois têm hoje consciência de que existem atualmente formas de escapar à miséria. Não duvi-

1471

demos: ou damos um impulso criador à América Latina, acendendo esperanças e acelerando o progresso nesta parte do mundo, ou será inevitável a superação dos homens políticos de posição moderada, como quem vos fala, por líderes extremados que conseguiram romper os laços de solidariedade dos povos americanos com a causa democrática.

1472 Por tudo isso, não compreendemos que o esforço do Brasil para firmar-se definitivamente como um grande país desenvolvido venha encontrando tão pouco entusiasmo externo, uma acolhida tão fria e negativa da parte dos que deveriam reconhecer que um aliado forte neste Hemisfério constituiria mais um fator de segurança para o mundo ocidental. Exigir que o Brasil respeite os métodos de uma ortodoxia econômica superada pela realidade de nosso desenvolvimento, esperar que o nosso país se submeta às receitas de um conservadorismo arcaico, será negar a evidência de um povo em marcha, que se recusa a marcar passo e que não aceita conter-se nas fórmulas de um academismo estéril. Não posso, porém, deixar sem uma referência especial o apoio e a confiança que a iniciativa privada estrangeira demonstrou no meu quinquênio em relação ao esforço nacional brasileiro. Esse apoio e essa confiança nos foram fundamentais.

1473 Estou seguro de que o Brasil continuará, em qualquer circunstância, a lutar pelo seu crescimento. A realidade transbordará de qualquer conceito enfermigo e dos dogmas de uma teoria econômica perempta. Todos os brasileiros devem estar unidos nessa batalha comum pelo nosso desenvolvimento crescente. E o estarão, temos certeza disso, sob qualquer Governo ou sob qualquer partido.

1474 Cumpre reconhecer que, ultimamente, o Presidente Eisenhower e o Departamento de Estado nos deram algumas claras demonstrações de melhor compreensão do problema latino-americano. Numerosas teses que

fundamentaram a OPA, consideradas até então inadmissíveis, passaram a ser admitidas e algumas delas apoiadas pelos Estados Unidos. A vitória doutrinária, obtida em Bogotá, é insofismável, e essa vitória se deveu, em grande parte, ao apoio da Delegação norte-americana. Vitórias morais ou doutrinárias são importantes, assim, mas insuficientes, tendo-se em vista as exigências dramáticas do momento.

Bem sabemos que os Estados Unidos atravessam uma hora de recuperação de sua prosperidade econômica, que não lhes permite conceder uma assistência financeira adequada às necessidades dos países subdesenvolvidos. A verdade é que se trata de uma situação resultante de uma política que consistiu em fortalecer concorrentes, não animando, na mesma proporção, os seus tradicionais clientes deste Hemisfério. Creio, porém, não obstante as reais dificuldades que os Estados Unidos enfrentam neste momento, que se poderia estudar uma reformulação dos critérios de prioridade da cooperação financeira, de modo que se dê maior atenção aos países latino-americanos. Outra forma de colaboração positiva seria estudar-se uma nova esquematização dos prazos e condições de reembolso dos empréstimos já concedidos; de grande efeito, igualmente, seria uma iniciativa do Governo norteamericano no sentido de fazer sentir sua influência nos organismos internacionais de financiamento, a fim de que os mesmos adotassem uma política mais criadora e menos injusta e até hostil, como tem, acontecido, aos propósitos de desenvolvimento do Brasil.

1475

Fôrça é reconhecer, de outro lado, que as nações européias, que desfrutam hoje de uma prosperidade que não conheceram jamais, se têm mantido frias e indiferentes aos problemas da América Latina, como se não fôssemos herdeiros e continuadores de sua cultura e como se não lhes interessássemos para a defesa do humanismo ocidental e do sistema de vida democrá-

1476

tico. Não temos qualquer problema ou litígio com os países europeus, mas lamentamos que lhes falte a percepção básica de que a prosperidade latino-americana só irá constituir uma força a mais na defesa do mundo livre. Não sou eu quem o diz de modo solitário. Em discurso famoso, na Conferência do Comité dos 21, em Bogotá, o Presidente da República da Colômbia, D. Alberto Lleras Camargo, estadista eminente e homem público de excepcional envergadura intelectual, definiu admiravelmente o sentimento da nossa América com relação à falta de uma participação europeia mais efetiva e profunda nos esforços de desenvolvimento deste Hemisfério. Disse êle: "Há tempos, os Estados Unidos convocaram os povos europeus para que se interessem pelo desenvolvimento das regiões atrasadas do planeta, sobretudo da América Latina. Até agora, não se ouviu o éco dêsse chamamento; ao contrário, temos de expressar a nossa insatisfação pela constante inflexibilidade da política econômica da Europa Ocidental em nossas relações mercantis. Dar-se-ia conta, essa antiga civilização, de quantas perturbações poderiam originar-se de um desastre nesta região do planeta?"

1477 Na verdade, já deveria ter passado a hora de continuarmos a fazer tais advertências. Mas, na realidade, elas continuam cada vez mais atuais e necessárias. Que as palavras do Presidente Lleras Camargo sejam tomadas como uma certa fixação de responsabilidades.

1478 Não desejo, porém, terminar esta minha análise franca e leal da conjuntura internacional, com uma nota pessimista. A verdade é que se abre uma grande e nova esperança diante de nós. Como prova disso, ao finalizar êste discurso, quero citar uma afirmação de particular apoio a tudo o que se tem dito sobre as relações intercontinentais. Trata-se de algo que vai além do que nos é permitido dizer e mais do que poderíamos esperar, em matéria de compreensão e fran-

queza. Se eu tivesse de formular de novo as bases da Operação Pan-Americana, teria usado essa frase como a mais significativa, a que melhor explicaria as nossas razões. Essa frase é a seguinte e faz parte de um discurso pronunciado em Pôrto Rico, em 15 de dezembro de 1958: "Se não nos preocuparmos com nossos amigos dêste continente; se os considerarmos merecedores apenas de pouca atenção, a não ser numa emergência; se os tratarmos paternalisticamente, referindo-nos à América Latina como nosso quintal; se insistirmos em uma atitude de achar que nós, norte-americanos, sabemos tudo, lançando água fria nas suas propostas de cooperação econômica, então poderá não estar longe o dia em que a nossa segurança estará mais em perigo nesta área do que nas mais distantes regiões do mundo, às quais temos dado nossa atenção."

Seu autor é o jovem Presidente eleito da República norte-americana, o então Senador John F. Kennedy. A carreira admirável e a fidelidade do Presidente Kennedy às suas idéias nos fortificam na convicção de que vai acontecer algo diferente, dentro em breve. É com emoção que faço, nesta última oportunidade em que o posso fazer na qualidade de Presidente da maior e mais populosa nação latina do mundo — um apêlo não só aos Estados Unidos, mas a todos os países da Europa, aos que estamos tão intimamente ligados, para que façamos todos uma tentativa de unificação do mundo democrático baseada na justiça, na compreensão e na renúncia a qualquer egoísmo esterilizante. Ou marchamos para uma era de criação de progresso, ou seremos forçados a renunciar a tudo aquilo que encarnamos e defendemos até aqui.

Saúdo o povo brasileiro, neste último dia do ano, e envio uma palavra de fé e de esperança a todos os homens de boa vontade, desejosos de paz, ansiosos pelo fim de tantas desigualdades de fortuna entre nações e seres humanos.

1479

1480